

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

18 Mai 2018  
21:00 Sala Suggia

**Pedro Neves**  *direcção musical*



1ª PARTE

**Wolfgang Amadeus Mozart**

Seis Danças Alemãs, KV 509 (1787; c.9min)

**Richard Strauss**

*Don Juan*, poema sinfónico op. 20 (1889; c.18min)



2ª PARTE

**Piotr Ilitch Tchaikovski**

Sinfonia n.º 5 em Mi menor, op. 64 (1888; c.50min)

1. *Adagio – Allegro con anima*
2. *Andante cantabile, con alcuna licenza*
3. *Valse: Allegro moderato*
4. *Andante maestoso – Allegro vivace*



casa da música

MECENAS

**LUCIOS**  
ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

*Na semana passada organizei um baile no meu apartamento (...); começou às 6 da tarde e acabou às 7. O quê? Apenas uma hora? Não, não! Acabámos às 7 da manhã.*

– Excerto de uma carta de W. A. Mozart ao pai, Leopold Mozart (22/01/1783)

A dança era uma das grandes paixões de Mozart e Viena a cidade ideal para exercitar essa arte que a família já cultivava em Salzburgo. A temporada do “Carnaval” vivia-se com intensidade na Redoutensaal, o grande salão do Palácio Imperial, entre Janeiro e os três dias do Carnaval propriamente dito, juntando ali uns dois milhares de dançarinos – por vezes mais ainda – numa ou duas noites por semana. Mas se no século XIX as valsas se tornariam rainhas, nesse tempo o trono pertencia ao minueto, à contradança e à dança alemã (um parente próximo do ländler e, naturalmente, da valsa). Mozart era um dançarino exigente com os pares e chegou a escrever que preferia os bailes caseiros àqueles promovidos em grandes salões, embora fosse presença notada nos famosos bailes da Redoutensaal, para os quais compôs várias danças no âmbito das suas funções enquanto compositor da corte.

As Seis Danças Alemãs op. 509 foram escritas em Praga – cidade boémia então integrada no império austríaco – ainda antes de Mozart assumir o cargo oficial da corte, alguns meses depois. Era uma cidade muito receptiva à sua música e onde recolhia grande sucesso: o próprio Mozart descreveu a sua agradável surpresa ao perceber, pouco depois da primeira apresentação de *As Bodas de Fígaro*

em Praga, que nos bailes ali realizados já se fazia versões dos temas da ópera em ritmo de contradança e de dança alemã, o que poderia ter servido de incentivo para a escrita de um novo conjunto de danças: “aqui não se fala de nada senão *Fígaro*; nada se canta, toca ou assobia senão *Fígaro*.”

O *opus* 509 agrega, sem qualquer interrupção, seis peças de métrica ternária e forma bipartida. A constância da forma e as várias repetições de secções são requisitos fundamentais para o carácter funcional das peças, que serviam de facto para serem dançadas. Cada uma das danças está numa tonalidade diferente e tem a seguinte estrutura:

– Uma primeira parte clara e afirmativa, carácter conseguido através do uso preferencial de melodias construídas em torno das notas fortes que definem a tonalidade e, em alguns casos, fazendo uso de notas repetidas. O tema melódico divide-se em duas frases que são apresentadas, cada qual, com repetição.

– Uma segunda parte chamada *alternativo*, também com duas frases que se repetem e onde frequentemente se apresenta um tema mais fluido, desenhado preferencialmente por graus conjuntos (ou seja, evitando os saltos melódicos) e acrescentando cromatismos ocasionais que enriquecem o colorido melódico. Esta parte tem um carácter sereno comparável ao do *trio* de um minueto, sendo natural que surja com instrumentação mais comedida: menos sopros e as cordas distribuídas apenas pelos solistas e não em *tutti*.

– Após a possível reapresentação de ambas as partes (omitida neste concerto), segue-se uma pequena transição modulatória preparando a tonalidade da dança que se segue.

– As Seis Danças terminam com uma coda enérgica que anuncia aos pares o final iminente.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2018

## Richard Strauss

MUNIQUE, 11 DE JUNHO DE 1864

GARMISCH, 8 DE SETEMBRO DE 1949

A lenda de Don Juan teve origem em Espanha e relatou as aventuras de um homem fisicamente atraente e sem escrúpulos que, entre as suas muitas conquistas amorosas, seduziu a filha de um comandante de Sevilha. Num duelo de espadas, Don Juan matou o comandante. Um dia, ao deparar-se com a estátua deste na rua, resolveu fazer chacota e humilhar a honra do comandante convidando a figura de pedra para uma festa. A história tem um desfecho dramático que se enquadra num certo sentido de justiça divina. A estátua aparece no festim e envia Don Juan para o Inferno.

O tema foi tratado na literatura de diferentes países: primeiramente em Espanha, no drama *El burlador de Sevilla* (1630) atribuído a Gabriel Téllez; em França, na peça *Le Festin de Pierre* (1665) de Molière; mas foi depois também abordado por Byron, em *Don Juan*, e por Espronceda, em *El estudiante de Salamanca*, entre muitos outros autores. Na literatura musical, os pontos altos da lenda de Don Juan encontram lugar na ópera *Don Giovanni* (1787), de Mozart, e no poema sinfónico *Don Juan* (1889), de Richard Strauss.

O poema sinfónico que Richard Strauss escreveu após a leitura de poemas do seu compatriota austríaco Nikolaus Lenau (1802-1850), os quais descreviam sentimentos de “desejo”, “posse” e “desespero”, dá, desde o início, a sonoridade propícia às desventuras deste anti-herói. O entusiasmo do início e o sentimento de luta pela conquista amorosa contrasta com a magia do encantamento proporcionada pela figura da pessoa amada, brilhantemente apresentada pelo arpejo da harpa. Nas cordas,

este sentimento vai afirmando-se com um ímpeto crescente, até que a verdadeira personalidade de Don Juan volta a emergir proporcionando o desenrolar do drama que termina com a sua morte num registo fúnebre, nas profundezas, numa tonalidade menor e sem esperança.

A obra teve imediata aceitação por parte do público quando da sua estreia, em 1889, sob a direção do compositor. Responsável pelo seu sucesso e internacionalização foi o grande maestro Hans Von Bülow, que dirigiu a estreia da obra em Berlim um ano depois.

## Piotr Ilitch Tchaikovski

VOTKINSK, 7 DE MAIO DE 1840

SÃO PETERSBURGO, 18 DE NOVEMBRO DE 1893

Formado pela Faculdade de Direito de São Petersburgo, Tchaikovski ingressou em 1862 no então recém-criado Conservatório de Moscovo, instituição que viria mais tarde a adoptar o seu nome em reconhecimento pelo estatuto de mais ilustre compositor russo do seu tempo. Os seus professores foram Anton Rubinstein e Nikolai Zarembo e, quatro anos após o ingresso enquanto estudante, Tchaikovski viria a leccionar na instituição. Foi professor durante 12 anos, até 1878, altura em que já não precisava mais do dinheiro que auferia no ensino. Esta grande transformação na sua vida deu-se graças ao apoio de uma admiradora extremamente rica, Nadejda von Meck, viúva de um milionário que detinha uma importante quota dos caminhos-de-ferro da Rússia. Nadejda, com quem manteve uma relação estranhíssima, tendo em conta que se correspondiam intensamente mas apenas se viram uma vez e nunca falaram pessoalmente, atribuiu-lhe uma pensão suficientemente generosa para Tchaikovski poder viver exclusivamente da composição.

Neste domínio, foi contemporâneo e próximo do importante Grupo dos Cinco, mas manteve uma linha estética independente, mais cosmopolita, no sentido em que, a par de elementos nacionalistas, absorveu influências das correntes em voga nas capitais europeias e combinou-as magistralmente na sua música.

Genial em vários domínios, quer na grande forma, quer na miniatura, Tchaikovski ficou conhecido pelos inúmeros bailados de grande sucesso, por obras concertantes magistrais para diferentes instrumentos, pelos belíssimos temas cíclicos das suas sinfonias e pela verve lírica que originou algumas das mais apaixonadas melodias que povoam os seus poemas sinfónicos e aberturas de concerto.

A 5ª Sinfonia de Tchaikovski, a exemplo do que já acontecera com a 4ª, é percorrida por um desses temas cíclicos que aparecem nos diversos andamentos com “roupagens” distintas e que dão um grande sentido de unidade à obra. E a ideia implícita desse tema, do ponto de vista extramusical, é exactamente a mesma que já havia dominado a sinfonia anterior: o *fatum*, ou destino. Um destino ao qual o indivíduo não consegue escapar. Este sentimento insere-se perfeitamente no espírito do Romantismo e encontra nas obras musicais de Tchaikovski um expoente máximo no requinte narrativo.

É interessante determo-nos um pouco sobre esta ideia do destino que domina a vida de um indivíduo e ao qual ele não pode fugir. Ao contrário da 4ª Sinfonia, cujo programa narrativo o compositor relatou em detalhe numa carta que escreveu a Nadejda von Meck, a 5ª Sinfonia tem um programa desconhecido ou, melhor dizendo, apenas parcialmente conhecido. Num livro de apontamentos do compositor, uma página com a data de 15 de Abril de 1888 revela-nos o seguinte:

*“Introdução – Resignação total perante o destino, ou, o que é semelhante, os inescrutáveis desígnios da Providência. Allegro. (1) Murmúrios de dúvida, queixas, reprovação em relação a XXX. (2) Deverei entregar-me sem reservas à fé??? Um programa maravilhoso, consiga eu realizá-lo.”*

Em relação ao segundo andamento, outros esboços do compositor falam da alternância entre “consolação” e “raio de luz.”

São diversas as teorias, por vezes conspirativas, em relação a estes “X”. Nos diários de Tchaikovski, as letras “X” e “Z” aparecem sempre de forma enigmática e não é possível, pela forma como as frases são escritas, associá-las a pessoas ou situações específicas. A maior parte dos autores são da opinião que o “X” se refere à homossexualidade do compositor, algo que jamais poderia assumir na sociedade em que vivia. Alguns apontam mesmo que a sua morte não terá sido provocada pela cólera, mas antes um suicídio motivado por esta razão. No entanto, há também outras teorias. Uma importante biografia da autoria de Alexander Poznanski (1991) sugere que a letra “X” se refere ao vício do jogo.

A questão que mais nos interessa para ouvir a 5ª Sinfonia é saber se esta breve indicação no diário se reflecte na música. A introdução da Sinfonia em Mi menor é dos inícios mais tristes e solenes do universo sinfónico. Disso não restam dúvidas ao ouvir a música; a marcha que os clarinetes tocam no seu registo grave com a repetição das seis notas descendentes ao terminar a primeira frase cria um clima verdadeiramente resignado. É fácil, pois, fazer a ligação com o diário: “Resignação total perante o destino, ou, o que é semelhante, os inescrutáveis desígnios da Providência”. Alexander

Poznanski faz ainda alusão à morte de um amigo próximo de Tchaikovski, de seu nome Kondratiev, e cuja lenta agonia o compositor testemunhou oito meses antes de escrever a sinfonia. O ritmo fúnebre da introdução corrobora a opinião deste biógrafo. Esta introdução é o tema cíclico que dominará a Sinfonia, reaparecendo de forma dramática e repentina no segundo andamento ao interromper uma canção de consolação. No terceiro andamento, interrompe novamente numa valsa. No último andamento, o tema sofre uma mutação para culminar triunfalmente em Mi maior, sendo esta a razão do outro grande enigma sobre o significado desta sinfonia – se a vitória do indivíduo sobre o seu triste destino, conseguindo transformá-lo, ou se o triunfo do próprio *fatum*.

Já os “murmúrios de dúvida” que dão início ao *Allegro*, após a introdução, corresponderiam aos solos de clarinete e fagote. Sendo este um clima mais desanuviado, as alternâncias harmónicas são as mesmas da introdução e é interessante que Tchaikovski tenha começado um novo tema dando novamente o protagonismo aos clarinetes (uma mesma personagem com um carácter diferente). É este o tema desenvolvido nos climas do andamento. Um segundo tema, entregue às cordas, dá um novo colorido à música, de grande lirismo e mais despreocupado.

O segundo andamento tem um solo de trompa magnífico, com uma melodia belíssima. (Muitos melómanos ficarão a questionar-se onde é que já ouviram a melodia, num outro contexto naturalmente. Ela foi transposta para outro registo bem diferente por Mack Davies, Mack David e André Kostelanetz, ficando conhecida como *Moon Love* em múltiplas gravações, incluindo uma afamada interpretação de Glenn Miller com a sua orquestra.) Depois de um segundo tema introduzido pelo clarinete, um

“raio de luz”, o tema cíclico aparece destruindo toda a atmosfera do andamento.

O lirismo de Tchaikovski faz-se ouvir na bonita valsa que substitui os tradicionais scherzos dos terceiros andamentos. Aqui, o tema do destino surge nos fagotes e nos clarinetes como um fantasma, discretamente, já perto do fim.

O tema do destino dá início ao último andamento, mas desta feita transformado para a tonalidade de Mi maior. Ao longo do andamento este tema sofrerá outras mutações, aparecendo apenas na sua fórmula rítmica, ou num *fortissimo* majestoso que pode levar a sala a irromper num aplauso antes que a sinfonia termine. Mesmo assim, o grande clímax ainda está para vir, sendo este, num efectivo contraste com o início da Sinfonia, um dos finais mais apoteóticos do repertório sinfónico.

A 5ª Sinfonia foi estreada em São Petersburgo, a 5 de Novembro de 1888, sob a direcção do seu compositor. Foi recebida entusiasticamente pelo público e desastrosamente pela crítica. Este facto desmotivou muito Tchaikovski que, no entanto, a dirigiu novamente em Hamburgo no ano seguinte comprovando uma vez mais a adesão do público à sua estética.

RUI PEREIRA, 2013

## **Pedro Neves** *direcção musical*

Pedro Neves é Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e assumiu recentemente o cargo de Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. É doutorando na Universidade de Évora, tendo como objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos.

Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Filarmonia das Beiras, a Orquestra da Cidade de Joensuu (Finlândia) e a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre (Brasil). Em 2012 colaborou pela primeira vez com a Companhia Nacional de Bailado, dirigindo *A Bela Adormecida* de Tchaikovski.

No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble – com o qual estreou obras de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões na Coreia do Sul e no Japão –, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble Casa da Música.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas e que tem sido recebido de forma elogiosa pelo público e pela crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, estudando violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à direcção de orquestra estudou

com Jean-Marc Burfin, obtendo a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra. Estudou ainda com Emilio Pomàrico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Baldur Brönnimann** *maestro titular*

**Leopold Hager** *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austriaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.



### **Violino I**

James Dahlgren  
Radu Ungureanu  
José Despujols  
Emília Vanguelova  
Maria Kagan  
Evandra Gonçalves  
Vladimir Grinman  
Roumiana Badeva  
Ianina Khmelik  
Vadim Feldblioum  
Andras Burai  
Alan Guimarães  
Diogo Coelho\*  
Pedro Carvalho\*

### **Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Mariana Costa  
José Paulo Jesus  
Pedro Rocha  
Lilit Davtyan  
Francisco Pereira de Sousa  
Paul Almond  
José Sentieiro  
Domingos Lopes  
Jorman Hernandez\*  
Agostinha Jacinto\*

### **Viola**

Mateusz Stasto  
Joana Pereira  
Anna Gonera  
Theo Ellegiers  
Jean Loup Lecomte  
Hazel Veitch  
Emília Alves  
Biliana Chamlieva  
Francisco Moreira  
Luís Norberto Silva

### **Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Gisela Neves  
Sharon Kinder  
Michal Kiska  
Hrant Yeranosyan  
Aaron Choi

### **Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Nadia Choi  
Slawomir Marzec

### **Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

### **Oboé**

Aldo Salvetti  
Tamás Bartók  
Roberto Henriques\*

### **Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
João Moreira\*

### **Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

### **Trompa**

Nuno Vaz\*  
José Bernardo Silva  
Hugo Carneiro  
Eddy Tauber  
Bohdan Sebestik

### **Trompete**

Sérgio Pacheco  
Luís Granjo  
Rui Brito

### **Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Nuno Martins

### **Tuba**

Sérgio Carolino  
João Costa\*\*

### **Tímpanos**

Jean-François Lézé

### **Percussão**

Bruno Costa  
Nuno Simões  
Paulo Oliveira

### **Harpa**

Ilaria Vivan

\*instrumentistas convidados

\*\*estagiário Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo – IPP

**19+20 Mai · Sala 2**

## **ECHO Rising Stars**

Rito da Primavera

19 Sáb Mai · Sala 2

17:00 **Tamás Pálfalvi e Marcell Szabó**

19:00 **Christopher Sietzen**

21:00 **Quarteto Van Kuijk**

20 Dom Mai · Sala 2

15:00 **Nora Fischer e Daniël Kool**

17:00 **Ellen Nisbeth e Bengt Forsberg**

19:00 **Emmanuel Tjeknavorian**

Todos os anos a European Concert Hall Organisation (ECHO) apresenta o programa Rising Stars, formado por uma selecção de artistas talentosos nomeados pelos programadores e directores artísticos das mais importantes salas de concerto da Europa. Estes músicos são apoiados no seu desenvolvimento profissional e apresentam-se em digressão por várias salas associadas. Desde 1995, o programa ajudou a construir as carreiras musicais de muitos dos artistas mais destacados da actualidade. São cinco solistas e um quarteto de cordas que vêm à Casa da Música, incluindo nos programas dos recitais novas obras encomendadas a destacados compositores contemporâneos. Não perca as jovens promessas do circuito internacional, nomes com provas dadas nos mais prestigiados concursos internacionais e na mira das grandes editoras discográficas.

**25 Mai Sex- 21:00 Sala Suggia**

## **Um Maestro ao piano**

Tributo a D. Helena

### **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

Christian Zacharias direcção musical e piano

Joseph Haydn *Sinfonia n.º 49, "La passione"*

W. A. Mozart *Concerto para piano e orquestra n.º 14*

-

Franz Schubert *Sinfonia n.º 2*

O pianista e maestro alemão Christian Zacharias gravou todos os concertos de Mozart, alcançando aquela que é uma das mais apreciadas integrais da discografia mozartiana. Na sua brilhante carreira como maestro tem dirigido as mais prestigiadas orquestras mundiais, dedicando a maior parte dos seus programas aos clássicos da Primeira Escola de Viena. Na sua estreia à frente da Orquestra Sinfónica Casa da Música, Zacharias escolhe obras da sua predilecção pelas quais é mundialmente reconhecido enquanto pianista e maestro.

**26 Mai Sáb - 16:00 Sala 2**

## **Piano Caos**

Tributo a D. Helena

**Duarte Cardoso e José Alberto Gomes**

direção artística e interpretação

**Daniela Castro** interpretação

Primeiro era o caos, a véspera do universo. Ou então o piano, que na Babel de elementos se torna o centro da criação difusa. Com um cenário concebido por alunos de Design de Produto da Universidade do Minho, o vídeo e a coreografia participam numa produção avessa à catalogação da música. De peças de repertório a outras quase desprovidas de partitura, com vários instrumentos e por interação tecnológica, vale tudo onde o piano lança a (des)ordem.

**27 Mai Dom - 18:00 Sala Suggia**

## **Christian Zacharias**

Ciclo Piano Fundação EDP

Tributo a D. Helena

**J. Haydn** *Sonata em Sol menor, Hob. XVI:44*

**J. S. Bach** *Suite francesa nº 5, em Sol maior*

**J. Haydn** *Sonata em Lá bemol maior, Hob. XVI:46*

-

**Franz Schubert** *Sonata em Lá menor, D. 845*

Antes de se tornar um dos mais apreciados maestros do repertório clássico a nível mundial, Christian Zacharias ganhou fama internacional como pianista. Premiado nos concursos de Genebra, Van Cliburn e Ravel, o pianista alemão conta com uma discografia de referência onde constam as integrais dos Concertos para piano de Mozart e Beethoven e das Sonatas de Mozart. No seu regresso à Casa da Música, interpreta Bach e Haydn, abordando obras-primas do Barroco e do Classicismo, bem como uma das sonatas predilectas de Schubert, repertório da sua especialidade. As obras em programa têm um pendor orquestral muito vincado e despertam ainda mais interesse dada a consagrada carreira de Zacharias como maestro.



— **TRANSFORME O SEU** —

---

**IRS EM MÚSICA**

— **NIF 507636295** —

CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS/CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPOSTADO

ENTIDADES BENEFICIÁRIAS

|   |   |           |
|---|---|-----------|
| INSTITUIÇÕES CULTURAIS COM ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA (artº 152.º do CIRS) | X | 507636295 |
|---|---|-----------|

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

